

**AMAS DE LEITE E CUIDADO INFANTIL: PRÁTICAS DE AMAMENTAÇÃO E
NUTRIÇÃO EM CASTELA NO SÉCULO XIII**

**WET NURSERY AND CHILD CARE: BREASTFEEDING AND NUTRITION PRACTICES
IN 13TH CENTURY CASTILE**

**GUARDERÍA Y CUIDADO INFANTIL: PRÁCTICAS DE LACTANCIA MATERNA Y
NUTRICIÓN EN LA CASTILLA DEL SIGLO XIII**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n6-238>

Data de submissão: 20/05/2025

Data de publicação: 20/06/2025

Gabriella Sontag Neves

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História – PPH/UEM

Membro do Laboratório de Estudos Medievais – LEM/UEM

E-mail: gabysontag@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6544495874695321>

Jaime Estevão dos Reis

Departamento de História – DHI/UEM

Docente do Programa de Pós-Graduação em História – PPH/UEM

Docente do Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória /UEM

Coordenador do Laboratório de Estudos Medievais – LEM

E-mail: jereis@uem.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8170-7478>

Lates: <http://lattes.cnpq.br/0512479141984737>

RESUMO

Este artigo examina as práticas de amamentação e o papel das amas de leite em Castela, no século XIII. Utilizamos como fontes o Cânone da Medicina de Avicena (980-1037), devido sua influência em Castela, e as Siete Partidas de Alfonso X, o Sábio (1252-1284). O leite materno é considerado essencial para a saúde e o desenvolvimento infantil, daí as preocupações com a saúde e o comportamento das amas de leite, nessas duas fontes. Avicena parte de um paradigma médico, enfatizando a necessidade de uma alimentação equilibrada, oferecendo conselhos para as amas e para os pais, enquanto Alfonso X, em sua obra jurídica, especifica uma regulamentação social da amamentação e da escolha das amas. Essas fontes revelam uma preocupação com a infância, reconhecida como uma fase distinta e crucial, que demandava atenções e cuidados próprios.

Palavras-chave: Amamentação. Amas de leite. Infância. Idade Média.

ABSTRACT

This article examines breastfeeding practices and the role of wet nurses in Castile in the 13th century. We use as sources the Canon of Medicine by Avicenna (980-1037), due to its influence in Castile, and the Siete Partidas by Alfonso X the Wise (1252-1284). Breast milk is considered essential for the health and development of children, hence the concerns about the health and behavior of wet nurses in these two sources. Avicenna starts from a medical paradigm, emphasizing the need for a balanced diet, offering advice to wet nurses and parents, while Alfonso X, in his legal work, specifies a social

regulation of breastfeeding and the choice of wet nurses. These sources reveal a concern with childhood, recognized as a distinct and crucial phase that required specific attention and care.

Keywords: Breastfeeding. Wet nurses. Childhood. Middle Ages.

RESUMEN

Este artículo examina las prácticas de lactancia materna y el papel de las nodrizas en Castilla en el siglo XIII. Utilizamos como fuentes el Canon de Medicina de Avicena (980-1037), debido a su influencia en Castilla, y las Siete Partidas de Alfonso X el Sabio (1252-1284). La leche materna se considera esencial para la salud y el desarrollo infantil, de ahí la preocupación por la salud y el comportamiento de las nodrizas en estas dos fuentes. Avicena parte de un paradigma médico, enfatizando la necesidad de una dieta equilibrada y ofreciendo consejos a nodrizas y padres, mientras que Alfonso X, en su obra jurídica, especifica una regulación social de la lactancia materna y la elección de nodrizas. Estas fuentes revelan una preocupación por la infancia, reconocida como una etapa distinta y crucial que requería atención y cuidados específicos.

Palabras clave: Lactancia materna. Nodrizas. Infancia. Edad Media.

1 INTRODUÇÃO

A infância é um período de extrema vulnerabilidade na vida humana, demandando atenção constante, cuidados específicos e proteção. No mundo moderno, uma série de facilidades, como babás eletrônicas, cadeiras de balanço, cangurus e outros dispositivos, permite que os cuidadores, especialmente as mulheres, realizem outras atividades enquanto supervisionam as crianças, mesmo que por curtos períodos. No entanto, no período medieval, essas comodidades não existiam, e os cuidados com os bebês e crianças pequenas eram uma tarefa árdua e ininterrupta.

No contexto medieval, as crianças dependiam integralmente da atenção constante de suas cuidadoras, que muitas vezes eram suas próprias mães ou, no caso das famílias abastadas, amas de leite. Essas mulheres desempenhavam um papel crucial na sociedade medieval, dedicando-se exclusivamente à alimentação, higiene e proteção dos bebês. Para muitas delas, atuar como ama de leite era uma forma de sustento, pois era uma prática comum as mulheres mais ricas pagarem outras mulheres para que amamentassem e cuidassem de seus filhos durante os primeiros anos de vida destes.

Os tratados médicos do período medieval dão importância especial à amamentação e alimentação das crianças e de suas amas de leite, uma vez que consideravam a dieta alimentar fundamental a uma vida saudável. Assim, diversos tratados estabelecem regras e conselhos sobre a alimentação das amas, para que seu leite seja forte e adequado para a criança.

A Península Ibérica medieval foi marcada por uma convivência multirreligiosa, na qual muçulmanos, cristãos e judeus criaram centros intelectuais vibrantes. Nesses espaços, obras da Antiguidade e do Oriente foram preservadas e traduzidas. Nesse contexto, a Escola de Tradutores de Toledo desempenhou papel fundamental, permitindo que obras científicas e filosóficas chegassem às mãos de autores e religiosos cristão, sendo incorporadas ao corpo teórico das universidades, que surgiam por toda a Europa. Toledo, conquistada por Alfonso VI de Leão e Castela (1047-1109) em 1085, manteve sua diversidade cultura e religiosa, permitindo que cristãos, judeus e muçulmanos colaborassem na tradução e preservação dos textos (Burnett, 2001, p. 249).

Além disso, Toledo já era um centro de produção cultural e científica durante o período islâmico, rivalizando apenas com Saragoça. Eruditos como az-Zarqâlluh, que compilou tabelas astronômicas e obras sobre astrologia, exemplificam a tradição intelectual da cidade. Apesar da partida da elite islâmica após a conquista cristã, o conhecimento acumulado permaneceu entre os estudiosos, facilitando o trabalho de tradução e difusão (Burnett, 2001, p. 250).

Foi nesse ambiente que a obra de Avicena chegou ao Ocidente, em meados do século XII, graças ao trabalho da Escola de Tradutores de Toledo, com destaque para Gerardo de Cremona, um dos mais renomados tradutores da época, que realizou a tradução de sua obra. O *Cânone da Medicina*

tornou-se, gradualmente, a obra mais influente no campo da medicina ocidental, sendo traduzida para diversas línguas e amplamente difundida pela Europa. Seu texto foi adotado como referência central nas faculdades de medicina, consolidando-se como um pilar do conhecimento médico e influenciando gerações de médicos (Moosavi, 2009).

No *Cânone da Medicina*, Avicena dedica grande parte de suas reflexões sobre os cuidados infantis à alimentação, tanto das crianças quanto de suas amas de leite. Enfatiza que a qualidade do leite materno é fundamental para a saúde, destacando a importância de uma dieta equilibrada e saudável para a ama, pois acreditava que suas condições físicas e emocionais influenciavam diretamente a nutrição da criança. Avicena também faz recomendações detalhadas sobre a introdução de alimentos sólidos, indicando os melhores momentos e os tipos de comida mais adequados para cada fase da vida infantil. Sua abordagem reflete a compreensão medieval de que a nutrição era a base para um crescimento saudável e a prevenção de doenças.

Como fonte principal para este artigo, utilizamos o primeiro livro do *Cânone*, especificamente a terceira parte, dedicada à preservação da saúde. Nessa seção, Avicena trata da alimentação como o elemento central para a manutenção e a recuperação da saúde. Para os nossos objetivos, neste texto, demos especial atenção à nutrição das crianças e de suas amas de leite.

Nesta discussão sobre os cuidados com as crianças em Castela na Idade Média, além do tratado de Avicena, utilizamos fontes hispânicas que abordam o assunto, especificamente as *Siete Partidas*, de Alfonso X, o Sábio (1252-1284). As *Siete Partidas*, compiladas no século XIII, são um conjunto de leis que refletem a organização social, jurídica e cultural do reino de Castela, e incluem leis dedicadas à família e cuidados com as crianças. Esta obra é particularmente interessante, pois, por conta de sua abrangência em diversos aspectos da vida laica e religiosa, inclui disposições específicas sobre as crianças, destacando o papel dos pais, amas e tutores em sua formação e os cuidados necessários durante essa fase da vida, com especial atenção dedicada aos filhos do rei.

2 A INFÂNCIA NO PERÍODO MEDIEVAL

Em sua obra mais famosa, e marco inaugural da história da infância, Philippe Ariès (1981) conclui que não houve infância no período medieval. Ele não negava a existência das crianças ou sua participação na sociedade, o que Ariès argumentava era a forma como essas crianças eram percebidas e incorporadas e, segundo ele, não havia diferenças significativas entre as crianças e os adultos.

Em *História Social da Criança e da Família*, Ariès (1981) analisa obras de arte medievais que retratam crianças, destacando sua raridade. Segundo o autor, antes do século XII, a arte praticamente ignorava a existência das crianças, e mesmo após esse período, quando começaram a aparecer, eram

representadas principalmente pelo Menino Jesus. Ariès também observa que, nas pinturas, as crianças frequentemente aparecem realizando as mesmas atividades e vestindo roupas semelhantes às dos adultos, diferenciando-se apenas pelo tamanho reduzido. Para ele, essa representação sugere que não havia uma distinção social clara entre crianças e adultos, sendo as primeiras vistas como "adultos em miniatura" (Ariès, 1981, p. 50-52).

A tese de Ariès, que defendia a ausência de uma percepção especial sobre as crianças na Idade Média, foi amplamente refutada por medievalistas e historiadores especializados na história da infância. Autores como Linda Pollock (1983), Nicholas Orme (2001) e Barbara Hanawalt (1988) dedicaram estudos detalhados a demonstrar que o sentimento de infância, ou seja, a compreensão de que a infância era uma fase única e distinta na vida humana, já existia no período medieval. Esses pesquisadores argumentam que, embora as representações artísticas e culturais da época possam sugerir uma visão diferente, as práticas sociais, os cuidados e as preocupações com as crianças evidenciam que a infância era, de fato, reconhecida como um período singular e digno de atenção específica.

Sobre a pouca frequência com que as crianças eram retratadas na arte medieval, Colin Heywood (2001) argumenta que isso se deve ao predomínio de temas cristãos e religiosos nas representações artísticas da época. Para ele, essa ausência não reflete necessariamente uma falta de percepção ou valorização da infância, mas sim uma limitação temática, já que a arte medieval estava voltada para assuntos sacros.

Embora a arte medieval não retratasse frequentemente as crianças, isso não significa que a infância fosse ignorada ou desvalorizada. Na verdade, a sociedade medieval tinha uma percepção clara das diferentes fases da vida, e a infância era reconhecida como um período distinto, que se estendia até aproximadamente os sete anos de idade. Para definir essas etapas, utilizavam-se de métodos de categorizações conhecidos como "Idades da Vida", que dividiam o desenvolvimento de acordo com características físicas e morais. Embora houvesse variações, algumas classificações incluíam sete idades, outras seis, três ou quatro, a um período análogo à infância sempre estava presente nestas (Burrow, 1986). Isso refletia a compreensão de que as crianças não possuíam as mesmas capacidades físicas, intelectuais ou morais que os adultos, demandando não apenas cuidados e atenção específicos, mas até mesmo legislação que percebesse que seus crimes e seus pecados de forma atenuada.

Isidoro de Sevilha define como criança aqueles indivíduos que ainda não conseguem falar claramente, atribuindo essa dificuldade à falta de dentes (Sevilha, 2006, p. 241). Nesse contexto, a fala era considerada não apenas um indicador do desenvolvimento físico, mas também um reflexo do progresso moral. Isso porque a capacidade de se expressar corretamente era mais facilmente

mensurável do que o amadurecimento psicológico. Sendo assim, a comunicação servia como um parâmetro para avaliar se a criança compreendia o que lhe era ensinado (Abraham, 2017).

É fundamental compreender que a infância era compreendida no período medieval de forma complexa contraditória, os autores não concordavam em como situá-la, estando as crianças em um constante estado filosófico entre a culpa e inocência. De acordo com a visão religiosa medieval, ainda que fosse impossível que um bebê pecasse pessoalmente, carregava consigo a marca do pecado original desde o nascimento, logo, eram inherentemente pecadores e “essa natureza pecadora pode ser percebida pela ganância que eles demonstravam em relação ao seio materno ou da ama de leite” (Bakke, 2005, p. 105).

Santo Agostinho defendia que, após o batismo e o perdão pelo Pecado Original, a criança estava livre dessa mancha e era inocente e não seria punida por Deus pelos pecados. Mesmo que pecasse, ela não teria responsabilidade já que esta é adquirida em proporção ao desenvolvimento intelectual das crianças, e que elas só seriam completamente responsáveis por suas ações quando alcançassem 16 anos (Bakke, 2005, p. 106).

As *Siete Partidas* estipulam a maioridade aos doze anos para as meninas e aos quatorze para os meninos, ainda que a infância termine aos sete anos, o período subsequente ainda é entendido como de menor compreensão de seus atos e das regras do mundo. Dessa forma, os jovens até essa idade não podem contrair matrimônio (Partida IV, T.I, L. VI), suas punições devem ser atenuadas tanto no âmbito religioso (Partida IV, T. I, L. LXXIII) quanto no civil (Partida VII, T. XXX, L. I), não podem escrever seus próprios testamentos (Partida VI, T. I, L. XIII) ou fazer acusações em tribunais (Partida VII, T. I, L. II).

Portanto, é evidente que a infância no período medieval era compreendida como uma fase distinta da vida adulta, ainda que as crianças fossem representadas vestindo as mesmas roupas e realizando as mesmas atividades nas obras de arte. Era de consenso entre os autores que as crianças ainda não possuíam amadurecimento moral para ser responsabilizadas por suas ações ou seus pecados, e o período da infância era quando aprendiam a se integrar na sociedade e adquiriam os valores morais e religiosos que eram a base do mundo medieval.

3 AMAMENTAÇÃO E AS AMAS DE LEITE

Enquanto o papel social feminino no período medieval estava intimamente atrelado com a maternidade, as mulheres da nobreza, especialmente as da realeza, possuíam outros tipos de compromisso, sejam políticos ou sociais, que as impediam de se dedicar completamente ao cuidado de

seus filhos. Dessa forma, era comum que amas de leite fossem selecionadas e contratadas para cuidarem e amamentarem os bebês em seus primeiros anos de vida.

Josué Prieto (2023), afirma que as mães eram as principais responsáveis pelos cuidados com os filhos nos primeiros anos de vida destes, uma vez que os pais permaneciam ausentes da criança, deixando as responsabilidades de cuidados afetivos e materiais a cargo das mulheres. E aquelas que renunciavam a essa tarefa, vista como um presente de Deus, eram tidas como não naturais e se consideravam que rompiam um vínculo de sangue (Prieto, 2023, p. 599).

Alguns tratados de educação medievais a indicação é que a mãe natural seja a responsável pela amamentação, afirmando que esta possui mais amor e cuidado para com o bebê, enquanto a ama de leite o faz em troca de pagamento ou recompensa (Prieto, 2023, p. 599). Entretanto, por diversos motivos, as mulheres da nobreza frequentemente deixavam seus filhos para ser criados e cuidados, ao menos nos primeiros anos, por outras mulheres, geralmente de camadas mais baixas, que precisavam do dinheiro.

Preocupações com a aparência podem ser um dos fatores, uma vez que se acreditava que amamentar podia causar um envelhecimento prematuro (Prieto, 2023, p. 600). Outro motivo possível é que a amamentação pode deixar a mãe infértil, tornando, assim, difícil para que as mulheres da nobreza, cuja principal responsabilidade é gerar herdeiros, engravidem. Enquanto isso, mulheres pobres aceitavam amamentar os filhos da nobreza, com expectativa de retardar o nascimento de outro filho (Klapsch-Zuber, 1989, p. 203).

Além dessas questões, outros fatores poderiam impedir que uma mulher amamentasse seu próprio filho, como descreve Avicena:

Se houver algo que impeça a mãe de dar leite ao bebê, por exemplo, devido à sua fraqueza, baixa qualidade do leite ou porque ele acaba muito rápido, uma ama de leite deve ser escolhida (Avicenna, 1930, p. 366, tradução nossa).¹

Outro autor que defende a preferência pela mãe natural como responsável pela amamentação é Bernardo de Gordônio. Ele argumenta que o leite da mãe é o mais adequado para o bebê, pois é semelhante ao líquido que o gerou. No entanto, reconhece que, devido à "delicadeza feminina", à natureza "depravada" que leva algumas mulheres a não cuidarem de seus filhos, ou ainda à falta de leite ou problemas de saúde, é necessário buscar uma ama de leite que possa assumir essa função (Gordonio, 1697, p. 307).

¹ if there be anything to prevent the mother from giving milk to the babe - for instance, owing to her weakness it to the defective quality of her mil, or because it runs too quickly, a wet-nurse should be selected (Avicenna, 1930, p. 366).

Ainda que a recomendação inicial seja de que a própria mãe amamente, a entrega dos filhos à uma ama de leite era tão comum que diversas obras destacam a importância da escolha de uma mulher educada, de boa higiene, bonita e jovem. Desde peças legislativas como as *Siete Partidas*, até mesmo obras médicas como o *Cânone da Medicina*, tratam da escolha da ama de leite.

Avicena estabelece uma série de qualidades que devem ser levadas em consideração para a escolha da ama de leite, como a idade, forma física, caráter e bons hábitos, o formato dos seios, a qualidade do leite, a quantidade de tempo após o parto e as características de seus próprios filhos (Avicenna, 1930, p. 366).

Avicena explica por que a idade da mulher deveria ser entre 25 e 35 anos, pois era nesse período em que a juventude e saúde estavam no auge (Avicenna, 1930, p. 366). Essa perspectiva vai de encontro aos preceitos da teoria humorál² de Hipócrates e Galeno, uma vez que não apenas o corpo está sujeito a sentir os efeitos dos humores, mas também a mente. Seno assim os jovens são naturalmente propensos ao desequilíbrio, uma vez que seus humores ainda não haviam se alinhado completamente. Assim, uma mulher que já passou dos vinte e cinco anos, já está em uma fase de plenitude humorál, tornando seu leite mais adequado e forte para o consumo dos bebês.

Também eram considerados o caráter e os hábitos pessoais da ama, os quais deveriam ser louváveis. A ama deveria ter paciência e não ser levada por paixões ruins da mente como a raiva, medo ou tristeza, pois essas falhas na constituição dela podem alterar o leite ou passar, através dele, para a criança, e, por este motivo, amas que não são inteligentes devem ser evitadas também (Avicenna, 1930, p. 366-367).

Essas determinações baseiam-se na ideia de que o leite materno pode transferir características de quem o produz para quem o consome. Tanto em textos laicos quanto religiosos, o leite é descrito como um elemento dotado de capacidades extraordinárias, como a cura, quando proveniente de figuras santas, especialmente a Virgem Maria, ou como um veículo de nobreza e honra, como evidenciado em obras laicas. Essa associação entre o leite materno e a transmissão de traços físicos e morais deriva da concepção de que o leite era originado do sangue menstrual. Durante a gravidez e a amamentação, acreditava-se que esse sangue se transformava em leite e subia para os seios da mulher. Dessa forma, o leite carregava as mesmas propriedades do sangue, transmitindo não apenas nobreza e parentesco, mas também características de personalidade (Assis-González, 2022).

² A teoria humorál, dos humores ou teoria hipocrática-galénica, concebia o corpo humano como sendo mantido em equilíbrio por quatro humores, líquidos que são necessários à vida. Estes seriam: sangue, fleuma, bile amarela e bile negra. O equilíbrio desses humores significaria que o indivíduo estava saudável, e as doenças eram indicativos de que havia um desequilíbrio causado interna ou externamente (Rezente, 2009, p. 50-51).

A partir dessa perspectiva, a escolha da ama de leite também deveria ser feita de maneira a levar em conta a linhagem familiar desta, uma vez que ela se tornava ligada ao bebê de forma sanguínea, através do leite. Por esta razão, se recomenda que, entre a alta nobreza, as mulheres escolhidas para amamentar os filhos do rei sejam, também, nobres e de boa linhagem (Partida II, T. VII, L. III).

Outra preocupação em relação à personalidade e caráter da ama era devido aos costumes. Nas *Siete Partidas*, Alfoso X demonstra grande preocupação com as amas de seus filhos, uma vez que estas eram responsáveis não apenas por cuidar deles e garantir sua segurança, mas, como passavam mais tempo com as crianças do que os pais, do que poderiam ensinar a elas (Partida II, T. VII, L. III).

Em relação à qualidade do leite da ama, Avicena faz uma série de orientações sobre dieta, exercício e descanso para que o leite seja forte o bastante para sustentar o bebê. Se o leite estava muito fino, ele sugere que a mulher evite trabalhar e fazer exercícios, uma longa noite de sono, caldos e sopas que fortaleçam o sangue, carne e vinho. No caso de pouco leite, a instrução é de verificar como eram as condições alimentares da ama e se ela está sendo suficientemente alimentada. Caso esse seja o problema ser o problema, é indicado oferecer a ela um caldo de cevada e legumes, bem como úberes, parte da glândula mamária, de ovelhas e cabras, uma vez que, segundo o princípio da aproximação, aumentaria a produção de leite na mulher. Além disso, em situações como essa, ele também aconselha a administração de minhocas secas e trituradas com cevada (Avicenna, 1930, p. 368).

Quanto às atividades permitidas, o exercício físico deve ser moderado, carregar a criança no colo, tecer e cozinhar são permitidos, mas o coito deve ser evitado, pois ele perturba o sangue menstrual na mulher a altera a composição do leite. A situação seria ainda mais crítica caso a mulher engravidasse durante a amamentação, já que os nutrientes destinados ao leite seriam divididos com o embrião, podendo não ser suficientes para suprir a necessidade de ambos (Avicenna, 1930, p. 369-370).

A respeito da duração da amamentação, a sugestão é de que seja de dois anos, mas alimentos deveriam ser inseridos na dieta da criança assim que os dentes começassem a nascer. O desmame não poderia ser feito de forma abrupta, porque seria prejudicial à criança, que ainda não estava acostumada com esse tipo de comida (Avicenna, 1930, p. 370).

Entre as classes mais altas, era comum que a introdução alimentar ocorresse com papinhas feitas com farinha, leite de cabra, cevada e mel, que eram oferecidas às crianças. Para ingerir as papinhas, os bebês possuíam itens próprios como louças de cerâmica, tigelas de madeira, caçarolas de barro, e entre a nobreza era comum que se usassem peças feitas de ouro ou prata (Sánchez Roldán, 2018, p. 235).

Entretanto, as mulheres mais pobres não poderiam oferecer essa papinha, e a substituíam por pão mastigado, para facilitar a digestão pelo bebê. Em seguida, se oferecia pão amolecido por água, leite ou vinho (Avicenna, 1930, p. 370-371). O vinho era mais comumente administrado às crianças das elites e tinha uma função digestiva importante. O tanino, composto naturalmente presente no vinho, possui propriedades anti-inflamatórias e digestivas, o que ajudava no tratamento de doenças potencialmente letais na Idade Média, como a diarreia. Além disso, o vinho também era oferecido para acalmar o choro das crianças (Sánchez Roldán, 2018, p. 208).

Alfonso X se preocupa em falar sobre com o vinho deveria ser ingerido pelas crianças, dedicando uma lei na Segunda Partida dedicada a aconselhar sobre “Como os filhos dos reis devem ser moderados ao beber vinho”, afirmando que:

Os filhos do rei devem ser acostumados a beber o vinho moderadamente e diluído em água, porque, como diziam os sábios, se o bebessem forte ou em excesso, causaria grande mal e abcessos na cabeça dos jovens (Partidas, T. VII, L. VI, tradução nossa)³.

Essas, portanto, são as recomendações sobre a alimentação das amas de leite, amamentação e introdução de alimentos sólidos para as crianças. Enfatizando a importância de uma dieta saudável e equilibrada para as amas, a qualidade do leite materno como fator essencial para o desenvolvimento infantil e o momento mais adequado para a transição de alimento sólidos.

4 CONCLUSÃO

As recomendações de Avicena no Cânone da Medicina, revelam uma visão sistemática e complexa da nutrição infantil no período medieval. Suas orientações refletiam diretamente a compreensão de que a saúde dependia da alimentação, especialmente a saúde infantil que, majoritariamente, dependia do leite materno e, dessa forma, da qualidade da alimentação de suas amas de leite. Essas práticas visavam garantir o desenvolvimento físico das crianças, mas também reforçavam a ideia de que a infância era uma fase distinta e crucial, que demandava atenção específica.

As ideias de Avicena influenciaram diretamente outros autores, uma vez que sua obra foi uma das primeiras publicadas com essas recomendações, que podem ser encontradas em diversos outros tratados de educação infantil, médicos ou mesmo em textos jurídicos. Seus ensinamentos, marcados pela integração de conhecimentos empíricos e filosóficos, serviu como base para o ensino médico nas universidades pela Europa e influenciou os médicos e filósofos do período. Assim, Avicena não apenas

³ Acostumbrar debem a los hijos de los reyes a beber el vino mesuraadmente e aguado, pues según dijeron los sabios si lo bebiesen fuerte o además, tornarse y ha en gran daño que hace postemas en las cabezas de los mozos (Partida II, T. VII. L. VI).

moldou o cuidado com as crianças no medievo, mas deixou uma marca na história da medicina e dos cuidados com as crianças.

As *Siete Partidas*, expressam as preocupações e os cuidados na criação dos infantes e filhos da nobreza castelhana em sua primeira fase da vida, reafirmando a necessidade da escolha de amas adequadas para cumprirem suas funções, partindo de um paradigma médico que considerava a amamentação de extrema importância e capaz de transmitir qualidades à criança. As amas de leite eram parte da vida familiar da nobreza castelhana no século XIII, e desempenhavam um papel fundamental no cuidado infantil, pois eram responsáveis pela amamentação e pela saúde das crianças.

A seleção dessas mulheres era feita de forma cuidadosa, pois participavam integralmente da criação da criança e mantinham laços com seus ‘filhos de leite’ até o fim da vida. Elas também eram as responsáveis por realizar o que hoje chamamos de “introdução alimentar”, oferecendo papinhas ou outro alimento, na substituição dos alimentos líquidos para os sólidos na dieta da criança. Por fim, as amas de leite não apenas contribuíam para a saúde das crianças, mas ajudavam a moldar os valores na mente infantil, destacando-se como figuras essenciais na estrutura familiar.

Assim, no século XIII afirma-se uma perspectiva sobre a infância em que saberes médicos, jurídicos e culturais convergiam na construção de um modelo normativo de cuidados e responsabilidades voltados à formação das crianças entre a nobreza castelhana.

REFERÊNCIAS

- ABRAHAM, E. V. *Anticipating sin in medieval society: childhood, sexuality, and violence in the early penitentials*. Amsterdã: Amsterdam University Press, 2017.
- ALFONSO X. *Las siete partidas: el libro del fuero de las leyes. Introdução e edição de José Sánchez-Arcilla Bernal*. Madrid: Reus, 2004.
- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1973.
- ASSIS GONZÁLEZ, F. J. *Representaciones laicas y religiosas sobre la leche materna en el discurso medieval*. Cuadernos Medievales, n. 33, p. 112-133, 2024. Disponível em: <https://fhmdp.edu.ar/revistas/index.php/cm/article/view/5697>. Acesso em: 1 abr. 2025.
- AVICENNA. *A treatise on the Canon of Medicine of Avicenna: incorporating a translation of the first book*. Tradução de Oskar Cameron Gruner. Bristol: Burleigh Press, 1930.
- BAKKE, O. M. *When children became people: the birth of childhood in early Christianity*. Tradução de Brian McNeil. Minneapolis: Fortress Press, 2005.
- BURNETT, C. *The coherence of the Arabic-Latin translation program in Toledo in the twelfth century*. *Science in Context*, v. 14, n. 1-2, p. 249-288, 2001. DOI: 10.1017/S0269889701000096. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/science-in-context/article/abs/coherence-of-the-arabiclatin-translation-program-in-toledo-in-the-twelfth-century/E898FAE696E4D7EA152616BEB6D92345>. Acesso em: 30 jul. 2024.
- BURROW, J. A. *The ages of man: a study in medieval writing and thought*. Oxford: Clarendon Press, 1986.
- HANAWALT, B. A. *Growing up in medieval London: the experience of childhood in history*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1993.
- HEYWOOD, C. *A history of childhood: children and childhood in the West from medieval to modern times*. Cambridge: Polity Press, 2001.
- KLAPISCH-ZUBER, C. *A mulher e a família*. In: LE GOFF, J. (org.). *O homem medieval*. Lisboa: Editorial Presença, 1989. p. 285-315.
- MOOSAVI, J. *The place of Avicenna in the history of medicine*. *Avicenna Journal of Medical Biotechnology*, v. 1, n. 1, p. 3-8, 2009.
- ORME, N. *Medieval children*. New Haven: Yale University Press, 2001.
- POLLOCK, L. A. *Forgotten children: parent-child relations from 1500 to 1900*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- REZENDE, J. M. *Dos quatro humores às quatro bases*. In: *À sombra do plátano: crônicas de história da medicina*. São Paulo: Editora Unifesp, 2009. p. 49-53. (História da Medicina, v. 2). Disponível em: <https://books.scielo.org/id/zw5dt/pdf/rezende-9788561673635-10.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2025.

SÁNCHEZ ROLDÁN, A. M. La vida infantil en la Edad Media. *Revista Anagramas*, n. 5, p. 190-235, 2018.

SANTOS, D. O. dos. Os saberes da medicina medieval. *História Revista*, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 141-164, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/29847>. Acesso em: 28 fev. 2025.

SEVILHA, I. The etymologies of Isidore of Seville. Tradução de Stephen A. Barney et al. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2006.

VILLA PRIETO, J. La educación familiar en la mentalidad medieval: análisis de los tratados teóricos españoles e italianos (siglos XIII-XV). *Anthologica Annua*, n. 63, p. 563-716, 2023.